

## **A Construção do *Ethos* por Alunos de Língua Inglesa no Gênero Discursivo Autoavaliação**

### **The Construction of *Ethos* by English Language Students in the Self-Evaluation Discourse Genre**

Fabiano Silvestre Ramos\*

Mônica Santos de Souza Melo\*\*

**RESUMO:** Este trabalho pretende investigar a forma como alunos universitários matriculados em um curso de extensão em língua inglesa constroem sua imagem através do gênero discursivo autoavaliação. Será considerada para tanto a proposta de Amossy (2005) e Maingueneau (2008) sobre a teoria do *ethos* discursivo. Os resultados mostraram que a construção do *ethos* se dará, geralmente, de forma positiva em tal gênero e, quando ocorre o contrário, os argumentos utilizados não corroborarão com a imagem que esses alunos tentarão passar. Procuram justificar o comportamento negativo, recorrendo, assim, ao lado emotivo do avaliador.

**PALAVRAS-CHAVE:** *ethos*; autoavaliação; ensino; aprendizagem; análise do discurso.

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Bolsista do Programa CAPES/REUNI. E-mail: <fs-ramos@hotmail.com>.

\*\* Doutora em Estudos Linguísticos/Análise do Discurso (2003) pela UFMG. Professora Adjunta III de Linguística do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

**ABSTRACT:** This paper aims to investigate how university students, enrolled in an English course, build their image through self-evaluation. For this purpose, the study developed by Amossy (2005) and Maingueneau (2008) on the theory of *ethos* will be considered. The results showed that the construction of *ethos* in this genre will usually happen in a positive way, and when the opposite happens, the arguments used will not legitimize the image they try to build. The students try to justify their negative behavior appealing, thus, to the emotional side of the evaluator.

**KEY WORDS:** *ethos*; self-evaluation; teaching; learning; discourse analysis.

## 1 Introdução

A prática de autoavaliar-se está relacionada, intrinsecamente, à questão da autonomia no processo de ensino (ALVES; MACHADO, 2003). O intento inicial desse tipo de avaliação é fazer com que o aluno reflita sobre si mesmo e sobre a sua aprendizagem (SOARES, 2007). Porém, toda prática de uso da linguagem é dialógica (BAKHTIN, 1992) e, segundo Koch (2006), toda vez que interagimos por meio da linguagem, temos a intenção de atuar sobre outros. É possível afirmar que o propósito comunicativo de tal gênero é convencer o leitor/avaliador das características do enunciador, a fim de que o primeiro incorpore determinada imagem que o segundo queira transmitir.

Dessa forma, o intuito do presente trabalho é analisar a forma como alunos de um curso de língua estrangeira constroem imagens de si através do gênero discursivo autoavaliação, verificando que tipos de recursos ou argumentos eles utilizam para tanto.

Este estudo se justifica devido à importância que o discurso exerce em nossas relações sociais. É através dele que temos acesso ao outro, que conhecemos e nos deixamos conhecer, que construímos nossas crenças e, por conseguinte, nossa identidade e formada. Dessa forma, todo é qualquer estudo que contribua para diminuir a opacidade do discurso, tornando-o mais acessível, será de grande importância.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: na seção seguinte, apresentamos o conceito de *ethos* discursivo que será considerado na análise do corpus. Em seguida, discorreremos sobre o corpus e a metodologia a ser utilizada. Sob o subtítulo “A construção do *ethos* em autoavaliações de alunos de língua estrangeira”, propomos uma análise dos dados disponíveis, considerando o que foi discutido previamente sobre a teoria a respeito da construção do *ethos* no discurso.

## **2 Noção de *ethos***

Iniciamos nossa exposição da teoria acerca do *ethos* discursivo apresentando a citação de Ruth Amossy, presente no livro *Imagens de si no discurso*, que afirma que “[t]odo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (AMOSSY, 2005, p. 9). É possível retomar, através dessa citação, alguns conceitos já discutidos dentro dos estudos linguísticos acerca da não-neutralidade do enunciado. Ao produzir um enunciado, sempre apresentamos uma intenção comunicativa. Desse modo, nenhum enunciado é desprovido de conteúdo ideológico. Sendo assim, sempre que realizamos o ato de enunciar, tentamos transmitir uma imagem de nós mesmos aos nossos interlocutores, implícita ou explicitamente. A questão da construção de uma imagem de si “está fortemente ligada à enunciação” (AMOSSY, 2005, p. 10).

Dessa forma, podemos definir *ethos* como a imagem que o locutor/enunciador constrói de si em seu discurso, de maneira a exercer alguma influência em seu auditório (MAINGUENEAU, 1998; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006), que nomearemos de interlocutor ou enunciatário. A formação do *ethos* estaria, portanto, relacionada aos comportamentos e representações dos sujeitos em determinados momentos históricos.

Ao se estudar esse termo, é necessário retomar os estudos aristotélicos a respeito da retórica. A construção do *ethos*, para tal filósofo, estaria relacionada à transmissão de uma imagem positiva de si através de seu discurso.

Barthes, por sua vez, define *ethos* como “os traços de caráter que o orador deve *mostrar* ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para dar uma boa impressão (...). O orador enuncia uma informação e, *ao mesmo tempo*, diz: eu sou isto aqui, não aquilo lá” (BARTHES, 1970 *apud* MAINGUENEAU, 2008, p. 13).

Essa citação é clássica nos trabalhos que buscam identificar os diferentes *ethe* construídos nos mais diversos discursos. Por meio dela, é possível perceber que o passar uma imagem positiva de si não está totalmente interligada ao uso de argumentos verdadeiros.

Amossy (2005) apresenta alguns estudos relacionados à construção de imagem através do discurso. São estes as proposições de Goffman, Ducrot e Maingueneau. Goffman trabalha com o conceito de construção de face, que se assemelha, em muitos aspectos ao de *ethos*. Tal conceito é definido como “o valor social positivo que dado indivíduo efetivamente reivindica por meio da linha de ação que outros supõem que ele adotou durante um contato particular” (GOFFMAN, 1974 *apud* AMOSSY, 2005, p. 13). Dessa forma,

a face construída seria uma imagem de um indivíduo de comportamento aprovado socialmente. Podemos ainda dizer que esse conceito de imagem é “partilhável”, uma vez que através de nossa imagem podemos interferir no modo como as pessoas pensam a respeito dos grupos sociais dos quais participamos (por exemplo, uma determinada religião). Ducrot, por sua vez, relaciona a construção do *ethos* ao discurso. Na teoria proposta pelo autor, a fala é enfatizada como uma “ação que visa a influenciar o parceiro” (AMOSSY, 2005, p. 15). Liga-se, dessa maneira, à teoria da argumentação na língua.

Maingueneau trata do *ethos* em termos de uma “construção de uma imagem de si no discurso” (AMOSSY, 2005, p. 16). A forma como um locutor fala permitirá que o alocutário crie uma imagem do falante através de seu discurso. O locutor está interessado em legitimar-se através de sua fala (AMOSSY, 2005, p. 17).

É importante, ainda, diferenciar “*ethos* prévio” e “*ethos* discursivo” (HADDAD, 2005). Não é somente através de nosso discurso que vamos influenciar um auditório, mas, também, por meio de uma imagem prévia que o mesmo possui de nós. Sendo assim, levando em consideração o *corpus* desta pesquisa, não adiantaria um aluno autoavaliar-se como um indivíduo de comportamento impecável se o professor, em sua vivência, sabe que ele não o é. O *ethos* discursivo, por sua vez, será a imagem que o locutor constrói em seu discurso. Essa imagem criada através do discurso pode, portanto, reforçar ou alterar a imagem prévia do enunciador, dependendo do seu interesse. Ora, um professor, no desempenho de sua profissão, procura ter, na maioria das vezes, o conhecimento sobre os seus alunos, sobre suas necessidades e anseios. Desenvolve, assim, uma percepção a respeito do grau de conhecimento de cada aluno, bem como sobre o nível de evolução da aprendizagem destes. Esse contato com o aprendiz faz com que o professor crie, de certa forma,

uma imagem do aluno, não por meio de seu discurso, mas por suas ações. Cada um dos locutores será representado pelas características e comportamentos que demonstram em sala de aula. Assim, ao ler e avaliar as autoavaliações propostas, o professor saberá o que cabe e o que não cabe a cada locutor [o aluno]. O trabalho do locutor, então, será tentar apagar os traços negativos que lhes podem ter sido atribuídos pelo professor, reforçando assim o aspecto positivo de sua imagem.

Passo, na próxima seção, para a descrição do corpus de análise e da metodologia deste trabalho.

### **3 Apresentação do corpus**

O corpus a ser utilizado nesse trabalho será constituído de autoavaliações escritas por estudantes universitários matriculados em um curso de extensão em língua inglesa situado em uma universidade federal da Zona da Mata de Minas Gerais.

Foi pedido aos alunos de uma turma de nível avançado, no final do período letivo, que escrevessem uma autoavaliação, na qual eles expusessem seus pensamentos sobre o seu desempenho e participação durante o curso, bem como sobre o seu desenvolvimento nas quatro habilidades da língua inglesa (fala, escuta, escrita e leitura). Por se tratar de uma atividade a ser avaliada em termos de produção textual, foi exigido que o texto fosse redigido em língua inglesa, com um número mínimo de 200 (duzentas) palavras.

Serão analisadas aqui 05 (cinco) autoavaliações, selecionadas aleatoriamente, nas quais procuramos mostrar como os alunos constroem o *ethos* de bom aluno através da argumentação. Por questões de ética, os nomes dos participantes não serão divulgados, nem qualquer referência ao curso. Como o foco do presente artigo não está na correção gramatical dos

textos, esses não foram corrigidos previamente; sendo assim, alguns deles apresentam desvios da norma escrita da língua inglesa. Outro aspecto metodológico que convém ser mencionado é que os textos não serão traduzidos no corpo da análise, mantendo, assim, seu aspecto original. As traduções virão em notas de rodapé, devidamente sinalizadas.

#### **4 A construção do *ethos* em auto-avaliações de alunos de língua estrangeira**

Nesta seção, apresentamos uma análise das autoavaliações redigidas pelos participantes desta pesquisa, considerando a maneira como estes formam uma imagem de si através de seu discurso. Nossa análise foi guiada pelas seguintes perguntas no decorrer da análise: (i) Como os participantes se colocam?; (ii) De maneira positiva ou negativa?; (iii) Que aspectos eles enfatizam?; (iv) Que imagem que criam de si devido a isso?

Os alunos fazem uso de diferentes argumentos, a fim de justificar seu desempenho em sala de aula. Realizando uma busca no corpus apresentado, é possível apontar alguns argumentos comuns utilizados pelos alunos. O primeiro deles refere-se ao fato de não terem tido contato com a língua inglesa fora da escola regular, como mostrado nos excertos abaixo:

(1) As I had never studied English before outside the conventional school, was a little difficult and is still monitoring the progress of the class. (Student A)<sup>1</sup>

(2) Until 2006, I never study English, except in the school, in my city. (Student C)<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Tradução: Como eu nunca havia estudado inglês antes, além da escola regular, foi e continua sendo um pouco difícil para eu acompanhar o andamento das aulas.

<sup>2</sup> Tradução: Até 2006, eu nunca tinha estudado inglês, exceto na escola, em minha cidade.

Esse argumento é importante, uma vez que o ambiente que encontramos em sala de aula, no curso em questão, é bem heterogêneo. Muitos alunos tiveram anteriormente experiência com a língua-alvo, seja através de intercâmbios ou mesmo por terem estudado em outros cursos de idiomas por anos a fio. Dessa forma, aqueles que não compartilham desse mesmo contato, sentem-se desprivilegiados em relação aos demais. Sendo assim, essa justificativa tenta, de certa maneira, fazer com que o interlocutor considere esse fato ao analisar o comportamento enunciativo em sala de aula durante o período letivo. É como se afirmassem: “Eu não sou tão bom em inglês, mas isso é porque eu nunca estudei a língua antes”. É importante mencionar ainda que esses argumentos aparecem no início dos textos, preparando o interlocutor para a imagem que eles vão tentar construir.

Outro argumento recorrente foi o de serem bastante ocupados, por realizarem muitas atividades acadêmicas ao mesmo tempo, inclusive estudar uma língua estrangeira:

(3) This semester was very hard to me, because had many things to do. So, I think that I could have given more attention to my English course” (Student B)<sup>3</sup>

(4) When I returned from my vacation, everything changed. I involved myself with many activities and I stopped studying very much. (Student D)<sup>4</sup>

O fato de desenvolverem muitas atividades e, ainda, assim tentarem estudar uma língua estrangeira mostra um aspecto positivo dos locutores – característica de uma pessoa

---

<sup>3</sup> Tradução: Esse semestre foi muito difícil para mim, pois tive muitas coisas para fazer. Então, eu acho que deveria ter dado mais atenção ao meu curso de inglês.

<sup>4</sup> Tradução: Quando retornei das minhas férias, tudo mudou. Eu me envolvi em várias atividades e parei de estudar muito.

esforçada – que, vendo a importância da língua-alvo para seu futuro, fazem sacrifícios para conseguir aprendê-la.

O argumento de terem tido problemas de saúde também foi utilizado por dois alunos. Tentam justificar seu comportamento e, inclusive, suas ausências em sala de aula, expondo as situações difíceis que se abateram sobre eles:

(5) The 2009 year was a important but so difficult for me, because I had a lot of problems, and this was affect me in all areas to my life. (Student C)<sup>5</sup>

(6) In this semester my English learning was more or less because of my health. I lost the pleasure of studying and because of this I had a poor development, just because of me. (Student E)<sup>6</sup>

Através dos argumentos mostrados, os enunciadores tentam apagar a imagem negativa que o enunciatário possa vir a ter deles, apelando, no caso em questão, para o sentimentalismo. Ao dizerem que nunca estudaram a língua antes, eles tentam recorrer ao lado emocional do professor, que deveria levar em consideração esse e os outros dois fatores mencionados anteriormente: falta de tempo e problemas de saúde. Porém, é preciso ressaltar aqui que os alunos que participaram dessa pesquisa já estudam a língua no curso de extensão há três anos, não se justificando, então, o uso do primeiro argumento, uma vez que já teriam tido tempo suficiente para sanarem qualquer lacuna que pudessem ter no que diz respeito à aprendizagem de línguas, nivelando-se aos demais colegas de classe.

---

<sup>5</sup> Tradução: O ano de 2009 foi importante e difícil para mim, pois tive muitos problemas, e isso afetou todas as áreas da minha vida.

<sup>6</sup> Tradução: “Neste semestre, meu aprendizado de inglês foi mais ou menos por causa de minha saúde. Eu perdi o prazer de estudar e, por causa disso, eu tive um baixo desenvolvimento, por minha causa.”

A questão da construção do *ethos* está relacionada ao auditório que o enunciador pretende influenciar e ao seu propósito, e não somente com a transmissão de uma imagem positiva de si enquanto ser humano. Dessa forma, no contexto em questão, de uma sala de aula de língua estrangeira, será que os alunos tentam passar uma imagem de aluno ideal? E se fazem o contrário, qual será sua intenção?

O aluno A começa sua autoavaliação com uma justificativa, a de que nunca havia estudado inglês em sua vida, exceto na escola regular, onde, como é de conhecimento comum, o foco do ensino é completamente diferente daquele apresentado por um curso de idiomas. Porém, mesmo assim, ele afirma estar se esforçando para acompanhar o andamento da turma em que está matriculado, e, também, apesar dos contratempos, conseguiu desenvolver várias habilidades da língua.

(7) In the first semester of 2009 realized a greater progress in the reading of texts: I can read faster and reduces excess of translation (which was one of my major problems in reading). Listening activities also improved: I can better discern the pronunciation of words. (Student A)<sup>7</sup>

Pressupõe-se disso que ele se dedicou ao estudo da língua não apenas dentro, mas também fora da sala de aula, pois esse tipo de desenvolvimento só acontece quando o aluno destina tempo a atividades extraclasse.

Em uma autoavaliação, é esse discurso que o professor gostaria de ouvir de seu aluno, o de um aprendiz que desenvolveu as habilidades da língua-alvo. É importante mencionar, ainda, que ele afirma que foi um “grande” progresso,

---

<sup>7</sup> Tradução: No primeiro semestre de 2009 percebi um maior progresso na leitura de textos: posso ler mais rápido e reduzi o excesso de tradução (que era um dos meus maiores problemas na leitura). A compreensão de atividades de escuta também melhorou: posso discernir melhor a pronúncia das palavras.

indo além do normal a sua dedicação. Outro ponto interessante do discurso do estudante em questão é que ele se mostra consciente da importância de se dedicar ao aprendizado de uma nova língua.

(8) It's obvious that to improve this and other deficiencies that I have, I need of much dedication for the language learning. (Student A<sup>8</sup>)

O discurso acima é o mesmo pregado por professores de línguas e pelos pesquisadores da área. Ao afirmar isso, o aluno está corroborando essa ideia e mostrando que está ciente de seu papel em seu próprio processo de aprendizagem. Porém, nem sempre as suas ações correspondem a essa crença que dizem ter a respeito do ensino e aprendizagem [essa afirmação justifica-se devido ao fato de o primeiro autor deste artigo ser também o professor dos alunos pesquisados]. Trata-se aqui de convencer o interlocutor de que ele acredita nisso, formando uma imagem de aluno consciente de suas obrigações enquanto aprendiz de língua estrangeira.

Percebe-se também, no corpus analisado, aqueles alunos que se posicionam de maneira negativa, pontuando aspectos que não contribuem para a manutenção do *ethos* de bom aluno, porém, segundo Karwoski, “uma imagem negativa também é uma imagem” (2008, p. 112). Pode ser que seja intenção do enunciador investir em determinados pontos, de maneira a reforçar uma imagem perante seus enunciatários (KARWOSKI, 2008).

Caracterizam-se como alunos que não se dedicaram muito ao aprendizado do idioma durante o semestre. Os estudantes A e C mostram-se conscientes de que seu desempenho não foi muito bom, assim como B, que afirma que deveria ter dado mais atenção ao curso e ter sido mais participativo. Novamente tem-se a imagem de um aluno consciente que diz: “Eu não

---

<sup>8</sup> Tradução: É óbvio que para sanar essa e outras deficiências que tenho, eu preciso de muita dedicação para com o aprendizado da língua.

participo, mas sei das consequências dessa ação para o meu aprendizado”.

(9) I confess that I don't have dedicated time to English and that is certainly influencing my performance. I felt very difficult to monitor the class in this semester, and sometimes, I was a little inhibited in class. Next semester, I want to dedicate more to English. (Student A)<sup>9</sup>

(10) I think that I could have given more attention to my English course, and I wasn't very participative in the classes. (Student B)<sup>10</sup>

(11) I think I haven't had a good performance in my English learning this semester. I would like to have studied and dedicated more. (Student D)<sup>11</sup>

Porém, convém ressaltar que, mesmo se posicionando de maneira negativa no início de sua asserção (excerto 9) a estudante A conclui seu argumento de forma positiva, afirmando que haverá uma maior dedicação por sua parte em relação à aprendizagem da língua inglesa. Tenta, assim, apagar a imagem negativa que construiu através do que foi dito anteriormente.

Um outro *ethos* criado por um dos participantes foi o de uma pessoa lutadora, a começar pelo título que deu ao seu texto, “Learning English in 2009: a great challenge” [Aprender inglês em 2009: um grande desafio]. Em seu texto, ele pontua essa ideia várias vezes. Através da estrutura de sua narrativa, é possível perceber isso:

(12) So, I don't give up trying my english learning. In the first semester, I was survived, because I'm strong! (Student C)<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> Tradução: Devo confessar que não tenho dedicado muito tempo para o Inglês, e isso está certamente influenciando o meu desempenho. Senti que foi difícil acompanhar a turma neste semestre e, por vezes, eu ficava um pouco inibido na sala. No próximo semestre, eu quero me dedicar mais ao inglês.

<sup>10</sup> Tradução: Acho que eu poderia ter dado mais atenção ao meu curso de inglês, eu não fui muito participativo nas aulas.

<sup>11</sup> Tradução: Eu acho que não tive um bom desempenho no meu aprendizado de neste semestre. Gostaria de ter estudado e me dedicado mais.

Mesmo com todas as adversidades pelas quais passou, o estudante C não desistiu de estudar a língua e ainda enfatiza esse lado forte, exclamando: “porque eu sou forte!”. Ele se valoriza, tentando apagar a imagem que o professor pudesse vir a ter devido ao seu comportamento em sala de aula.

Um último ponto a ser abordado é a maneira como os alunos concluem seus textos, prometendo maior envolvimento com sua própria aprendizagem no próximo semestre. Abaixo se pode notar esse fator recorrente nas produções:

(13) I am fully convicted of the importance of language to my training. I will begin by separating one time a week, besides that of classes for the study. I would also like to test some of the strategies and tips presented in the last class through oral work. (Student A)<sup>13</sup>

(14) In the next semester I want be more closer, and I will try to participate more in the discussion in the classes. I promise that I will be a great student. (Student B)<sup>14</sup>

(15) Next semester, I will need to be a more dedicated, for example, not to miss many classes, and read more. I really want to practice English in my professional field. This is essential for my professional development. (Student C)<sup>15</sup>

(16) I think we have to deal with language learning as it was our religion. We have to dedicate the same time. Wake up and lie thinking in it. Only on this way we'll become a good

---

<sup>12</sup> Tradução: Então, eu não desisti de aprender inglês. No primeiro semestre eu fui um sobrevivente, porque eu sou forte.

<sup>13</sup> Tradução: Estou plenamente convencido da importância da língua para a minha formação. Vou começar a separar um tempo na semana para o estudo, além de aulas. Gostaria também de testar algumas das estratégias e sugestões apresentadas nas aulas através das apresentações orais.

<sup>14</sup> Tradução: No próximo semestre eu quero estar mais perto, e eu vou tentar participar mais nas discussões nas aulas. Eu prometo que vou ser um ótimo aluno.

<sup>15</sup> Tradução: Próximo semestre, serei mais dedicado, por exemplo, não perder muitas aulas, e ler mais. Eu realmente quero praticar inglês no meu campo profissional. Isto é essencial para o meu desenvolvimento profissional.

language speaker without traveling abroad. This is my goal to the next semester! (Student D)<sup>16</sup>

Com a promessa de se dedicar mais para aprender a língua, eles reforçam a imagem de alunos conscientes do seu papel enquanto aprendizes de língua estrangeira, tentando persuadir, assim, o professor que avalia essas autoavaliações a fazê-lo sob outra perspectiva, tendo não mais a imagem prévia do aluno descompromissado, mas sim a do aluno consciente de que, devido a inúmeros problemas, não pôde se envolver da maneira ideal com o aprendizado de língua estrangeira.

Retomando as ideias de Fiorin, Karwoski (2008) afirma que o discurso só será eficaz quando o enunciatário incorporar o *ethos* do enunciador. Trazendo essa afirmação para o contexto de produção do gênero discursivo autoavaliação, cuja finalidade é argumentar em favor de determinada nota, essa incorporação ocorrerá quando o professor der a nota solicitada pelo aluno. Mas não a nota baixa solicitada por ele, devido a uma questão de humildade, mas sim um valor mais alto que, na maioria das vezes, é a intenção inicial do mesmo com a produção do seu texto e uso dos argumentos mencionados.

Como afirma Amossy (2005, p. 16), “a maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si”. Dessa forma, pelo discurso dos enunciadores, podemos inferir diferentes *ethe*. Porém, mesmo ressaltando aspectos negativos de sua conduta, a intenção dos enunciatários não é criar uma imagem negativa perante o enunciatário, mas sim o contrário: o tempo todo eles tentam transmitir a imagem de um aluno consciente de seu papel enquanto aprendiz de língua estrangeira,

---

<sup>16</sup> Tradução: Penso que temos de lidar com a aprendizagem da língua como se essa fosse a nossa religião. Temos de dedicar o mesmo tempo. Levantar e deitar pensando nela. Somente dessa maneira nos tornaremos bons falantes sem ter viajado a países que falam a língua. Esta é a minha meta para o próximo semestre!

porém, não tão participativo. Entretanto, na imagem que eles constroem, não seria culpa deles esse aspecto negativo de sua conduta, mas sim dos problemas pelos quais passaram, pelos vários compromissos acadêmicos que tomaram a maior parte de seu tempo, ou até mesmo por problemas de saúde.

## 5 Considerações Finais

Sempre que nos comunicamos por meio da linguagem, verbal ou não-verbal, realizamos de acordo com um propósito. Como afirma Koch (2006, p. 29), “há relações que desejamos estabelecer (...) comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outros(s)”. A autoavaliação, enquanto gênero discursivo, apresenta como um de seus propósitos comunicativos fazer com que o público-alvo seja convencido de determinadas características do enunciador, de maneira com que ele receba a nota que afirma merecer. Dessa forma, a construção do *ethos* geralmente se dará de forma positiva em tal gênero e, quando ocorre o contrário, como foi exposto acima, os argumentos utilizados não corroborarão com tal imagem, mas, sim, tentando justificar o comportamento negativo, recorrendo, assim, ao lado emotivo do avaliador.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, M. P.; MACHADO, E. A. O Sentido da escola e os sentidos da avaliação. **Revista de Estudos Curriculares**. Braga, nº1, abr. 2003.
- AMOSSY, R. Da noção de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-28.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARTHES, R. L'ancienne rhétorique; Aide-mémoire. In: Communications, n. 16, 1970, p. 172-223. *apud* MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. Ethos. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 220-221.

GOFFMAN, E. Ritual de la interacción. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1974. *apud* AMOSSY, R. Da noção de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-28.

HADDAD, G. Ethos prévios e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 145-166.

KARWOSKI, A. M. Ethos como argumento retórico na linguagem publicitária. **Gláuks – Revista de Letras e Artes**. Viçosa – MG, v. 8, n. 1, jul/dez, p. 108-134.

KOCH, I. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

\_\_\_\_\_. Ethos. In: \_\_\_\_\_. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 59-60.

SOARES, C. S. O. **A auto-avaliação em línguas estrangeiras: concepções e práticas dos professores**. 166p. Dissertação (Mestre em Educação) – Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Minho, 2007.

---

**Data de recebimento: 29/09/2009**

**Data de aprovação: 15/07/2010**